

UNIVERSIDADE DE LISBOA  
FACULDADE DE PSICOLOGIA



**Práticas parentais, relações na fratria e o ajustamento do  
adolescente**

**Maria Ana Garcez Marques de Almeida Rainha**

**MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA**

**(Secção de Psicologia Clínica e da Saúde/ Núcleo de Psicologia Clínica Sistémica)**

**2015**

UNIVERSIDADE DE LISBOA  
FACULDADE DE PSICOLOGIA



**Práticas parentais, relações na fratria e o ajustamento do  
adolescente**

**Maria Ana Garcez Marques de Almeida Rainha**

Dissertação orientada pela Professora Doutora Isabel Narciso

Coorientadora Doutora Luana Ferreira

**MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA**

**(Secção de Psicologia Clínica e da Saúde/ Núcleo de Psicologia Clínica Sistémica)**

**2015**

*Aos meus pais*

## **Agradecimentos**

À Professora Doutora Isabel, pela paciência, apoio, dedicação e por nunca ter desistido de mim.

À Doutora Luana Ferreira, coorientadora desta tese, pelo seu apoio e disponibilidade constante durante todo o ano.

Ao Diogo, por me aturar e por ter tornado possível a finalização deste meu antigo e demorado capítulo. E à Fátima, pela ajuda na angariação de participantes e força constante.

À minha mãe, que nos momentos difíceis em que pensei desistir sempre acreditou em mim e nas minhas capacidades.

Ao meu pai, que releu e corrigiu este e muitos outros trabalhos. Obrigada pela paciência, já és um pouco psicólogo, pelo menos a teoria sabes toda.

À minha avó Luísa, que não chegou a tempo para presenciar a entrega do meu “canudo” mas que sempre me incentivou a não desistir.

Ao meu avô, que embora não esteja presente está sempre em espírito. Obrigada.

## Resumo

A literatura associada à Psicologia da Família tem vindo a considerar as relações fraternas como um importante recurso do sistema familiar, relevante para o ajustamento das crianças e adolescentes (Tucker, Holt, & Wiesen-Martin, 2013). O presente estudo, exploratório e quantitativo, teve como objetivo investigar as relações entre afeto e hostilidade parental e a qualidade das relações na fratria e o impacto no ajustamento dos adolescentes (comportamentos de internalização e externalização). Tendo em conta a crise económica em Portugal, procurou-se, ainda, explorar a influência da pressão económica nessas relações. Participaram no estudo 49 pais, com mais que um filho de idades compreendidas entre os 12 e os 19. Foi aplicado um questionário de caracterização sociodemográfica, um indicador de pressão económica, o *Questionário de Expectativas e Perceções Parentais das Relações Fraternas dos Filhos*, a *Escala de Afeto-Hostilidade parental*, e o *Child Behavior Checklist Questionnaire (CBCL)*. Os resultados mostram uma relação positiva entre afeto parental e afeto na fratria, e uma relação negativa entre hostilidade parental e afeto na fratria, consistente com a literatura existente. Os resultados indicam também a existência de uma relação entre as relações na fratria (afeto e hostilidade) e os comportamentos de externalização. A hostilidade na fratria não se relacionou com nenhuma variável parental, e a internalização não se relacionou nem com o afeto e hostilidade parental nem com a relação fraterna. Possíveis explicações para o padrão de resultados e limitações do presente estudo são discutidas na secção Discussão.

**Palavras-Chave:** práticas parentais, relação na fratria, comportamentos de externalização, comportamentos de internalização, pressão económica.

## Abstract

The literature associated with Family Psychology has considered fraternal relations as an important resource of the family system, relevant to the adjustment of children and adolescents (Tucker, Holt, & Wiesen-Martin, 2013). The present study, exploratory and quantitative, aimed to investigate the relationship between affection and parental hostility and the quality of relationships between siblings and the impact on the adjustment of adolescents (internalizing and externalizing behaviours). Taking into account the economic crisis in Portugal, it tried also to explore the influence of economic pressure on these relations. 49 parents participated in the study, all with more than one child between 12 and 19. A sociodemographic characterization questionnaire was applied, an indicator of economic pressure, the *Parental Expectations and Perceptions of Children's Sibling Relationship Questionnaire*, the *Parental Affect-Hostility Scale*, and the *Child Behavior Checklist Questionnaire* (CBCL). The results show a positive relationship between parental affection and affection amongst siblings, and a negative relationship between parental hostility and affection amongst siblings, consistent with the existing literature. The results also indicate the existence of a relation between the sibling relationship (affection and hostility) and externalizing behaviours. Hostility amongst siblings was not related to any parental variable, and the internalization was not related either with the affection and parental hostility or with the fraternal relationship. Possible explanations for the pattern of results and limitations of this study are presented in the Discussion section.

**Keywords:** parenting, relationship between siblings, externalizing behaviours, internalizing behaviours, economic pressure.

## **Índice Geral**

Índice de tabelas	VIII
Introdução	1
Enquadramento teórico	3
Metodologia	13
Resultados	19
Discussão	23
Conclusão	30
Referências bibliográficas	32

## Índice de Tabelas

Tabela 1	
Estatísticas descritivas das variáveis	19
Tabela 2	
Correlações entre as variáveis	20
Tabela 3	
Sumário da Regressão Linear do Afeto fraterno	21
Tabela 4	
Sumário da Regressão Linear da Externalização	22
Tabela 5	
Caracterização sociodemográfica da amostra	38



## Introdução

Na literatura científica associada à Psicologia da Família, existe um abundante *corpus* de investigação sobre as influências da família no desenvolvimento e ajustamento das crianças e dos adolescentes. Embora a investigação separe o contributo de cada subsistema familiar neste desenvolvimento, com a coexistência de diversas linhas de investigação dedicadas a diferentes subsistemas, existe um reconhecimento da ligação entre todos os subsistemas familiares no ajustamento das crianças e adolescentes (Bank, Burraston & Snyder, 2004).

Ainda na mesma linha de pensamento, considera-se que as relações fraternas constituem um recurso importante do sistema familiar, (Tucker, Holt, & Wiesen-Martin, 2013). Contudo, apesar da sua relevância para o bem-estar da família e, particularmente, para o ajustamento das crianças e adolescentes, esta tem sido uma temática pouco explorada ao nível da investigação (Bank, Burraston, & Snyder, 2004), sobretudo se compararmos com a riqueza da investigação em domínios relativos à parentalidade, nomeadamente sobre estilos e práticas parentais<sup>1</sup> (Muris, Meesters, & Berg, 2003; Vieno, Nation, Pastore, & Santinello, 2009).

A investigação tem continuamente revelado que as práticas parentais são cruciais no desenvolvimento e bem-estar das crianças e adolescentes (Darling & Steinberg, 1993; Muris, Meesters, & Berg, 2003; Vieno, Nation, Pastore, & Santinello, 2009), tendo um forte impacto nas relações na fratria, mormente no conflito entre os irmãos (Stormshak, Bullock, & Falkenstein, 2009).

A pressão económica percebida pela família é igualmente uma variável com grande influência no sistema familiar e na adaptação e desenvolvimento das crianças e

---

<sup>1</sup> Os estilos parentais correspondem ao clima emocional subjacente aos comportamentos dos pais (Darling & Steinberg, 1993); as práticas parentais são comportamentos dos pais com efeitos diretos no comportamento dos filhos (Vieno, Nation, Pastore, & Santinello, 2009).

adolescentes. A literatura sugere que a fragilidade económica e o elevado stresse económico estão frequentemente associados a problemas nas crianças, em parte pelo aumento da tendência dos pais de disciplinar punitivamente as crianças de forma inconsistente e ignorar as suas necessidades (McLoyd, 1998). A relação entre fragilidades económicas e o ajustamento psicológico dos filhos parece ser mediada, em certa medida, por uma parentalidade severa e inconsistente (McLoyd, 1998).

Salienta-se, pois, a relevância da investigação centrada nas relações na fratria, práticas parentais, perceção de vulnerabilidade económica e ajustamento psicológico dos filhos, enquanto contributo para o aprofundamento do conhecimento científico na área da Psicologia da Família, e das práticas de intervenção com famílias. Deste modo, com o presente estudo, pretende-se analisar as associações entre as variáveis supramencionadas.

Esta dissertação está organizada nas seguintes secções: o Enquadramento Teórico, onde se procede a uma síntese da revisão de literatura que efetuámos; o Processo Metodológico, onde se apresenta o desenho do estudo e as estratégias metodológicas; a Apresentação dos Resultados; a Discussão dos Resultados, e as Conclusões.

## **1. Enquadramento teórico**

### **Relações na fratria, parentalidade e ajustamento dos filhos**

As práticas parentais e as relações na fratria desempenham um papel fundamental no desenvolvimento e ajustamento psicológico de crianças e adolescentes. Embora frequentemente estudadas em paralelo, no contexto de vida diária familiar as influências destes dois subsistemas não podem ser separadas. Surge então uma necessidade real de relacionar as influências destes dois subsistemas no desenvolvimento dos adolescentes (Tucker & Updegraff, 2009). Alguns autores alegam que, para expandir a nossa compreensão do papel da família no desenvolvimento social, emocional e cognitivo das crianças e adolescentes, é essencial perceber os efeitos conjuntos dos dois subsistemas familiares (Tucker & Updegraff, 2009), dado que um subsistema pode amplificar ou diminuir os efeitos do outro no desenvolvimento do adolescente (Bank, Burraston, & Snyder, 2004; Tucker & Updegraff, 2009).

A fratria apresenta-se como um contexto do microsistema familiar essencial para o desenvolvimento individual dos adolescentes (Solmeyer, McHale, & Crouter, 2014). Existem vários estudos que demonstram o seu poder preditivo no ajustamento durante a adolescência e início da idade adulta (Bank, Burraston, & Snyder, 2004). A literatura empírica tem salientado o forte impacto positivo da relação entre irmãos no desenvolvimento e bem-estar de crianças e adolescentes: fonte de apoio e de desenvolvimento de competências de autorregulação e compreensão emocional (Stormshak, Bullock, & Falkenstein, 2009); estimulação, pelos irmãos mais velhos, do desenvolvimento cognitivo das crianças mais novas; a relação fraterna como facilitadora da compreensão das emoções do próprio e dos outros; desenvolvimento do autocontrolo (Brody, 2004); influência na qualidade das relações com os pares (Bank, Burraston, & Snyder, 2004; Brody, 2004; Dai & Heckman, 2013). Um estudo realizado por Tucker e

Updegraff (2009) detetou também padrões compensatórios de apoio entre irmãos, quando os pais se apresentavam indisponíveis e concluiu que esses padrões têm efeitos protetores nas crianças e adolescentes. Gass, Jenkins e Dunn (2007), num estudo longitudinal, concluíram que relações fraternas positivas são uma importante fonte de suporte para crianças que experienciam eventos de vida stressantes, tendo um efeito protetor, independentemente da qualidade da relação parental. Samek, Rueter, Keyes, McGue, & Iacono (2015) também encontraram um efeito protetor da relação fraterna no uso de substâncias no caso das raparigas, embora não o tenham detetado para os rapazes. O sexo e idade dos irmãos parecem ser variáveis relevantes quando procedemos à análise do efeito da relação fraterna no ajustamento das crianças e dos adolescentes (Scholte, Engels, de Kemp, Harakeh, & Overbeek, 2007). Scholte, Engels, de Kemp, Harakeh, e Overbeek (2007) identificam a relação fraterna como moderadora da relação entre tratamento diferencial por parte dos pais e delinquência, depois de controlar o nível de suporte familiar, mas encontraram diferenças tendo em conta o sexo da díade de irmãos e a posição do filho-alvo na fratria. Em díades constituídas por irmãos de sexo diferentes não foram encontrados efeitos significativos do tratamento diferencial e apenas os irmãos mais novos de uma díade do mesmo sexo são vulneráveis ao tratamento diferencial dos pais. De acordo com os autores, é possível que o nível mais avançado dos irmãos mais velhos relativamente a responsabilidade e aptidões cognitivas os torne mais aceitantes das diferenças no tratamento parental. Acrescentam, ainda, que o tratamento diferencial por parte dos pais parece afetar mais os irmãos mais novos que percecionam mais negativamente a qualidade da sua relação fraterna (Scholte, Engels, de Kemp, Harakeh, & Overbeek, 2007). Hindman, Riggs e Hook (2013) encontraram, no seu estudo com múltiplos informantes, uma relação direta entre o afeto fraterno e menos sintomas de disfunção psicológica.

Note-se, no entanto, que os estudos têm igualmente apresentado resultados que indicam que as relações fraternas também têm o potencial de afetar de forma negativa o desenvolvimento das crianças. Meunier et al. (2011), num estudo com 119 famílias, encontraram associações entre relações fraternas negativas (mais conflito e menos afeto) e problemas comportamentais de externalização. Outros estudos concluem que irmãos mais novos que crescem com irmãos mais velhos agressivos correm um risco considerável de desenvolver problemas de comportamento, nomeadamente, comportamentos antissociais, de terem um mau desempenho escolar, e de terem poucas experiências positivas nas relações com os pares (Bank, Burraston, & Snyder, 2004; Brody, 2004; Dai & Heckman, 2013).

Considerando apenas o subsistema parental e a sua influência no desenvolvimento do adolescente, uma das linhas de investigação mais profícuas tem sido o estudo de estilos e práticas parentais, e como estas influenciam o ajustamento social, emocional e cognitivo dos adolescentes (Darling & Steinberg, 1993; Muris, Meesters, & Berg, 2003; Vieno, Nation, Pastore, & Santinello, 2009): um estudo realizado por Macaulay, Griffin, Gronewold, Williams, e Botvin (2005) permitiu concluir que práticas parentais eficazes parecem ter um efeito preventivo no uso de drogas nos jovens; Taylor, Lopez, Budescu e McGill (2012) mostraram que práticas parentais mais controladoras e exigentes por parte da mãe estão positivamente associadas a problemas de internalização do adolescente; o estudo de Knoester, Haynie e Stephens (2006) revelou que a qualidade da relação entre pais e filhos e a supervisão parental estão associadas negativamente a comportamentos delinquentes e positivamente associadas a comportamentos pró-sociais. A hostilidade parental é uma outra variável da parentalidade que foi capaz de prever o aumento do nível de agressividade dos adolescentes, independentemente da sua posição na fratria (Williams,

2007). O envolvimento parental, através da implementação de regras consistentes (controle positivo) e conhecimento parental das atividades dos filhos, é uma outra variável associada a menos comportamentos problemáticos dos adolescentes (Wang, Dishion, Stormshak & Willett, 2011). Neste mesmo estudo, os autores reconhecem, ainda, o afeto parental percebido pelo adolescente como moderador desta relação. Isto é, o efeito positivo do conhecimento parental e da implementação de regras nos problemas do adolescente aumenta de acordo com a percepção do adolescente de mais apoio e afeto recebido dos seus pais. São diversos os estudos que apontam para a associação entre práticas parentais e problemas de externalização e internalização das crianças e adolescentes. Goraya e Shamama-tus-Sabah (2013) assinalam uma associação negativa entre parentalidade positiva, que definem como uma relação entre mãe e filho caracterizada por apoio, envolvimento e disciplina consistente, e problemas comportamentais de externalização em crianças dos 8 aos 11 anos. Encontram também uma associação positiva entre parentalidade negativa (punição física) e problemas de externalização. Num estudo longitudinal, Bradley e Corwyn (2013) examinaram as relações entre parentalidade, autocontrole e comportamentos de externalização desde a primeira infância até à adolescência. Neste estudo foi possível aos autores concluir que a sensibilidade materna, caracterizada por altos níveis de apoio, baixos níveis de hostilidade e consideração positiva pelo filho, parece reduzir a probabilidade de problemas de externalização na adolescência, através do aumento do autocontrole enquanto crianças (Bradley e Corwyn, 2013). Os autores acrescentam que a relação aparenta ser bidirecional, o que significa que menos comportamentos de externalização por parte das crianças parecem levar também a uma maior sensibilidade por parte da progenitora. Williams e Steinberg (2011), no seu estudo, também apontam para esta bidirecionalidade entre a parentalidade e os comportamentos dos adolescentes. Os

autores referem que o afeto parental contribuiu para o ajustamento saudável do adolescente, e a hostilidade parental afetou negativamente o ajustamento do adolescente, o que vai de encontro a outros estudos supracitados. Estes autores acrescentam, porém, que níveis mais altos de maturidade psicossocial e orientação académica dos adolescentes predizem maiores níveis de afeto e uma diminuição de níveis de hostilidade parental (Williams e Steinberg, 2011). Os mesmos autores relatam, ainda, que os pais tornam-se menos afetuosos e mais hostis em resposta ao envolvimento dos adolescentes em comportamentos delinquentes e stresse interno (e.g., depressão). Parece existir uma bidirecionalidade entre práticas parentais e comportamentos dos filhos; isto é, as práticas parentais aparentam estar associadas a problemas comportamentais de externalização e internalização, e os comportamentos de externalização parecem influenciar as práticas parentais como o apoio, o controlo psicológico e o castigo físico (Verhoeven, Junger, van Aken, Deković, & van Aken, 2010).

Como supra descrito, a qualidade das relações fraternas e as práticas parentais parecem ter impacto no ajustamento das crianças e adolescentes; e os comportamentos dos adolescentes influenciam essas práticas parentais e, naturalmente, influenciam as relações com os irmãos. Alguns estudos indicam que o subsistema parental parece ter um impacto positivo na qualidade relacional da fratria – muito particularmente, ao nível da diminuição da intensidade dos conflitos e da resolução de conflitos – fornecendo, assim, modelos de socialização positivos (Perlman & Ross 1997). Stormshak, Bullock e Falkenstein (2009) verificaram que as relações familiares, particularmente práticas parentais e conflito, contribuem fortemente para a qualidade dos relacionamentos entre irmãos e bem-estar das crianças. Também o tratamento diferencial parental com tradução em relações preferenciais com algum ou alguns dos filhos – ou a perceção dos

filhos sobre tratamento preferencial dos pais – pode ter um impacto negativo no seu desenvolvimento e ajustamento, e, conseqüentemente, tendo impacto no clima familiar (Brody, 2004; Kowal, Krull, Kramer & Crick, 2002).

Gamble e Yu (2014) examinaram a associação entre a qualidade das relações fraternas, as características familiares, a parentalidade e as características de um dos filhos. Os resultados revelaram que uma relação fraterna caracterizada por níveis altos de afeto e baixos de conflito estava associada a práticas parentais com características acrescidas de suporte e democracia, e a uma expressividade familiar mais positiva. Num outro estudo longitudinal, os autores encontraram uma associação entre a relação fraterna e a percepção do adolescente sobre o suporte parental, mas não o inverso (Derkman, Engels, Kuntsche, Vorst, & Scholte, 2011). Os mesmos autores sugerem que os resultados apoiam a hipótese de que a qualidade de uma relação “transborda” para a outra, sendo que, na adolescência, os dados indiciam ser a relação fraterna que transborda para a relação parental, visto que se a qualidade da relação fraterna diminui, os adolescentes tendem a perceber menos suporte parental, embora os pais não estejam cientes disso (Derkman, Engels, Kuntsche, Vorst, & Scholte, 2011). Parecem existir alguns indicadores de que os processos que operam a nível familiar exercem influência na forma como os irmãos se relacionam. Jenkins, Rasbash, Leckie, Gass, & Dunn (2012) associaram o suporte materno à qualidade da relação fraterna, em que o subsistema parental influencia a relação fraterna e explica as mudanças nessa relação.

Também Brody (2004) salienta a relevância de considerar influências bidirecionais e circulares entre o subsistema parental e a fratria, dado que não só o comportamento dos pais influencia os filhos mas também os comportamentos das crianças nas interações diárias com os pais determinam, parcialmente, os comportamentos e práticas parentais e o clima familiar. Por exemplo, os problemas de



comportamento de um filho podem contribuir para a diminuição do bem-estar psicológico dos pais, o que resulta no aumento da tensão familiar. Por sua vez, a negatividade dos pais pode diminuir a probabilidade dos outros filhos vivenciarem uma parentalidade que promova a autoestima, o desempenho académico, e as competências sociais (Brody, 2004). No mesmo sentido, um estudo realizado por Bank, Burraston e Snyder (2004) mostrou que o impacto do conflito fraterno pode ser condicionado por uma parentalidade menos eficaz, podendo esse conflito fraterno aumentar os efeitos negativos da parentalidade menos eficaz no ajustamento dos adolescentes. Também Tucker e Updegraff (2009) observaram que os adolescentes são mais propensos a manifestar problemas de comportamento quando experimentam elevados níveis de conflito em ambos os sistemas, comparativamente a jovens que experimentam níveis acentuados de conflito em apenas um dos subsistemas.

### **O papel da perceção de pressão económica**

A investigação tem demonstrado consistentemente que a desvantagem económica está associada a uma parentalidade menos positiva em todo o espectro de comportamentos parentais, que vão desde uma parentalidade menos sensível e recetiva, a uma disciplina mais dura, e ao uso de abordagens menos orientadas para a criança (Barnett, 2008). O modelo de stresse familiar propõe que o stresse financeiro sentido pelos pais está associado a problemas comportamentais dos adolescentes (Ponnet, 2014). Ponnet (2014), no seu estudo, focou-se na investigação de famílias de classe baixa, média e alta, com o objetivo de perceber de que forma a pressão financeira sentida pelos pais se relacionava com os problemas comportamentais dos adolescentes. Um dos resultados encontrados é que a relação entre a pressão financeira e os problemas de comportamento dos adolescentes difere segundo o tipo de classe em que a família se

insere. Nas famílias de classe baixa, existem efeitos diretos e indiretos da pressão financeira nos problemas comportamentais dos adolescentes, e nas famílias de classe média e alta apenas foram encontrados efeitos indiretos (Ponnet, 2014). Um resultado interessante é o facto de que os pais das famílias de classe baixa exibiram menos comportamentos parentais positivos mas esses comportamentos (mais suporte parental), nesse tipo de famílias, estiveram mais fortemente relacionados com menos problemas comportamentais comparativamente a famílias de classe média e classe alta. É possível que o suporte parental, caraterístico de famílias resilientes, tenha um efeito protetor mais acentuado em famílias com mais stressores comparativamente a famílias com menos stressores, nomeadamente financeiros (Ponnet, 2014).

Os modelos de stresse familiar têm examinado os mecanismos familiares através dos quais a pobreza influencia as crianças, muitas vezes com foco na conjugalidade, parentalidade e nas relações pai-filho (Barnett, 2008). Existem evidências de que o stresse económico pode relacionar-se com o conflito conjugal e com uma parentalidade menos eficaz (Conger & Conger, 1992; Conger & Ge, 1994). O princípio fundamental dos modelos de stresse da família é o de que desvantagens económicas desencadeiam sentimentos de pressão económica, que, por sua vez, levam a sofrimento psíquico dos pais que, em última análise, acaba por afetar negativamente as crianças (Barnett, 2008). No modelo processual familiar de Conger e Conger (1992) sobre dificuldades financeiras e ajustamento dos adolescentes, os autores concluem que as dificuldades económicas têm impacto no bem-estar da família e estão negativamente relacionadas com práticas parentais eficazes, afetando o ajustamento psicológico dos filhos. Os autores constataam que a pressão económica se encontra positivamente associada à depressão materna, a qual, por sua vez, estava associada a conflito conjugal. Esse conflito surgiu como negativamente relacionado com uma parentalidade competente

(Conger & Conger, 1992). No mesmo sentido, Parke et al. (2004) encontraram uma associação positiva entre pressão económica e sintomas depressivos de mães e pais. Esses sintomas depressivos surgem associados a problemas conjugais e a uma parentalidade hostil, perturbadora do ajustamento psicológico dos filhos. Os autores Stocker e Youngblade (1999) identificaram associações entre conflito conjugal e relacionamentos fraternos mais conflituosos e menos afetuosos, mediados pela hostilidade parental. Neste contexto, o conflito conjugal parece influenciar as relações na fratria, através da hostilidade parental; e a pressão económica pode levar a uma parentalidade mais hostil, o que pode indicar que a pressão económica pode ter impacto indireto no subsistema fraterno, influenciando por via indireta a qualidade da relação entre irmãos.

Os autores Gutman, McLoyd e Tokoyawa (2005), encontraram uma associação positiva entre os “stressores” económicos e o sofrimento psíquico dos pais, estando este stress parental positivamente relacionado com relações pais-adolescentes mais negativas, o que era preditor de menor ajustamento dos adolescentes. Numa outra investigação de Bøe et al. (2014), foram encontradas associações indiretas entre a economia familiar e problemas de externalização das crianças através do bem-estar emocional parental e das práticas parentais. Para problemas de internalização, os mesmos autores encontraram essas mesmas associações (indiretas) mas também relações diretas com a economia familiar (Bøe et al., 2014).

Num outro estudo, verificou-se que o stress económico e o *status* económico estavam associados a sintomas depressivos dos pais, o que, por sua vez, surgiu associado a uma parentalidade mais hostil, menos afeto e menor envolvimento parental (Benner, & Kim, 2010). Com efeito, os fatores económicos afetam os pais através de um percurso complexo de influência pelo qual as dificuldades económicas produzem

níveis mais elevados de pressão económica, que estão associados a depressão, somatização e ansiedade que, por sua vez, afetam comportamentos e práticas parentais, que afetam o ajustamento da criança e adolescente (Newland, Crnic, Cox & Mills-Koonce, 2013). Em suma, são inúmeros os estudos que apoiam a tese de que a pressão económica familiar influencia as práticas parentais e o clima da vida em família. Contudo, a relação entre a perceção de vulnerabilidade económica e o subsistema fraterno não tem sido muito aprofundada, e o impacto da pressão económica familiar na qualidade das relações entre irmãos ainda é pouco conhecido.

O presente estudo pretende analisar a associação entre as práticas parentais e a qualidade da relação fraterna. Especificamente, as relações entre os níveis de afeto e hostilidade na relação pai-filho e os níveis de afeto e hostilidade na relação entre os irmãos, e as suas relações com comportamentos de externalização e internalização dos adolescentes. Pretende-se, também, estudar a relação entre pressão económica e estas variáveis.

## 2. Metodologia

### Desenho, objetivos e hipóteses

O presente estudo<sup>2</sup>, de natureza quantitativa e com um desenho transversal, pretende explorar, através da perceção de mães e pais com filhos adolescentes, as relações entre afetividade e hostilidade parental e na fratria, ajustamento psicológico dos filhos, e perceção de pressão económica. Deste modo, constituem objetivos específicos:

- analisar associações entre práticas parentais indicadoras de afeto, práticas parentais indicadoras de hostilidade, perceção de pressão económica e ajustamento psicológico dos filhos (comportamentos de internalização e comportamentos de externalização);
- analisar o papel preditor da perceção de pressão económica nas práticas parentais (afeto e hostilidade) e no ajustamento psicológico dos filhos (comportamentos de internalização e comportamentos de externalização);
- analisar o papel preditor das práticas parentais (afeto e hostilidade) no ajustamento psicológico dos filhos (comportamentos de internalização e comportamentos de externalização);
- analisar o papel preditor das práticas parentais (afeto e hostilidade) nas relações na fratria (afeto e hostilidade);
- analisar o papel preditor das relações na fratria (afeto e hostilidade) no ajustamento psicológico dos filhos (comportamentos de internalização e comportamentos de externalização).

De acordo com a literatura revista, colocamos as seguintes hipóteses:

Hipótese 1 – O afeto e hostilidade parentais estão negativamente associados.

---

<sup>2</sup> Este estudo enquadra-se no projeto de investigação “*Relações familiares e bem-estar na adolescência: Fatores protetores e de risco em contexto de crise económica*”, realizado por investigadores da Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa (FPUL).

Hipótese 2 – O afeto e hostilidade na fratria estão negativamente associados.

Hipótese 3 – Os comportamentos de internalização e de externalização estão positivamente associados.

Hipótese 4 – A percepção de pressão económica, dado o impacto que tem a nível de *stress* familiar, está positivamente associada à hostilidade parental e aos comportamentos de externalização e internalização.

Hipótese 5 – O afeto parental está associado negativamente a comportamentos de externalização e internalização; a hostilidade parental está associada positivamente a comportamentos de externalização e internalização.

Hipótese 6 – O afeto parental é preditor positivo de afeto na fratria e negativo de hostilidade na fratria; a hostilidade parental é preditor positivo de hostilidade na fratria e negativo de afeto na fratria.

Hipótese 7 – O afeto na fratria é preditor negativo de comportamentos de externalização e de internalização; a hostilidade na fratria é preditor positivo de comportamentos de externalização e de internalização.

### **Amostra e procedimentos na recolha**

Neste estudo foi usada uma amostra de “conveniência”, através da estratégia de “bola de neve” com recurso às redes sociais informais do investigador.

**Caraterização da amostra.** A amostra foi constituída por 49 participantes, mães (81.25%) e pais (18.75%) com 2 a 4 filhos ( $M = 2.21$ ,  $DP = .5$ ), em que o filho alvo tinha entre os 12 e os 19 anos de idade ( $M = 14.92$ ,  $DP = 2.31$ ). Os participantes, na sua maioria (87.8%) encontravam-se casados ou em união de facto. As figuras parentais tinham idades compreendidas entre os 39 e os 61 anos ( $M = 45.76$ ,  $DP = 4.82$ ), e apresentavam diferentes níveis de escolaridade, sendo que a maioria tinha uma

licenciatura (42.9%). A maioria dos participantes trabalhava por conta de outrem (90.9%), e o rendimento anual mais comumente reportado estava entre os 18.375€ e os 42.259€ (48.8%). Mais de metade dos participantes (51.1%) reportou que o rendimento mensal líquido familiar diminuiu, e 48.9% referiu que esse valor manteve-se, não havendo participantes que reportassem um aumento do rendimento familiar mensal.

Os participantes preencheram o protocolo de investigação de forma anónima e rubricaram o consentimento informado, de forma que não fosse possível a sua identificação. Foram informados de que o preenchimento do protocolo era voluntário e gratuito, e sem consequências para o participante se decidisse não responder. O preenchimento do protocolo foi presencial.

## **Instrumentos**

**Questionário de caracterização sociodemográfica.** Visa recolher informações de índole sociodemográfica e pessoal, sendo constituído por questões relativas ao sexo, idade, nível de escolaridade, situação laboral, estado civil e crenças religiosas dos participantes. Pretendeu recolher, também, informações sobre o número de filhos, as suas idades e sexos, e sobre o rendimento líquido familiar anual.

**Perceção de pressão económica.** Como indicador de pressão económica, foi utilizada uma subescala do instrumento *Perceção de pressão económica* de Conger et al. (1992; 1999), a qual, através de 7 itens, avalia a capacidade para fazer face a despesas – e.g., “*Temos dinheiro suficiente para ter uma casa adequada à nossa família*”. As respostas aos itens são dadas numa escala de *Likert* de 5 pontos, sendo (1) Discordo totalmente, (2) Discordo, (3) Não concordo nem discordo, (4) Concordo, e (5)

Concordo totalmente. O nível de consistência interna no presente estudo foi adequado,  $\alpha = .95^3$ .

**Qualidade das relações fraternas.** Foi utilizado o *Questionário de Expectativas e Percepções Parentais das Relações Fraternas dos Filhos* (Kramer & Baron, 1995) para avaliar as percepções parentais sobre a qualidade da relação fraterna dos seus filhos, relativamente ao afeto fraterno – e.g., “*partilharem preocupações*” - e à hostilidade - e.g., “*Conflitos sem solução*”, em que os pais respondem, numa escala de Likert de 5 pontos (*nunca, raramente, às vezes, frequentemente, e sempre*), com que frequência observam essas situações na relação fraterna dos seus filhos. A versão original (Kramer & Baron, 1995) corresponde a uma estrutura com 3 fatores: o afeto, rivalidade e a hostilidade. Nesta versão original, há duas partes do questionário. Na primeira parte, os pais são questionados relativamente à ocorrência de 24 comportamentos numa relação ideal (mas real) entre irmãos, e, na segunda parte, os pais são questionados relativamente à frequência da ocorrência dos mesmos 24 comportamentos na relação entre os filhos (Santos, 2014). No presente estudo, foi utilizada somente a parte II do questionário. Santos (2014), no seu estudo de adaptação deste instrumento para a população portuguesa, encontrou uma estrutura semelhante à da versão original do questionário, com uma solução de 3 fatores: afeto, hostilidade e rivalidade. O estudo psicométrico no estudo de adaptação revelou os seguintes valores *Alfa de Cronbach*: afeto - .85; hostilidade - .85; rivalidade -.66. No presente estudo, dado o valor muito reduzido do *Alfa de Cronbach* para o fator rivalidade, e tendo em conta que é constituído apenas por 3 itens, optou-se por agrupar estes itens ao fator hostilidade. Assim, no presente estudo, ambas as dimensões - Afeto e

---

<sup>3</sup> Dado que a adaptação do instrumento *Percepção de Stress Económico* se encontra atualmente em curso a equipa de investigação da FPUL, responsável por tal investigação, não nos pôde facultar os dados psicométricos correspondentes à subescala supracitada.



Hostilidade/Rivalidade - apresentam boa consistência interna, com valores *Alfa de Cronbach* .89 e .86, respetivamente.

**Afeto-hostilidade parental.** Utilizou-se, neste estudo, a *Escala de afeto-hostilidade parental* (Narciso & Santos, 2013). Este instrumento de autorrelato originalmente composto por 26 itens<sup>4</sup> pretende avaliar o comportamento parental nas dimensões de afeto – e.g., “*Percebe quando o(a) seu(sua) filho(a) precisa de apoio/consolo?*”; “*Mostra ao(a) seu(sua) filho(a) que o(a) valoriza?*” –, e de hostilidade – “*Castiga o(a) seu(sua) filho(a) fisicamente (bater, puxar orelhas, etc.)?*”. As respostas são dadas numa escala de *Likert* entre 1 e 4 (*nunca; raramente; às vezes; muitas vezes*). Os estudos fatoriais preliminares da 1ª versão revelaram dois fatores – afeto (10 itens) e hostilidade (9 itens). Contudo, após a análise da fiabilidade, os autores optaram pela manutenção de 10 itens no fator afeto, com um *Alfa de Cronbach* de .82, e 9 itens no fator hostilidade, com um *Alfa de Cronbach* de .67. No presente estudo, a dimensão de afeto parental apresentou um *Alfa de Cronbach* de .73, e a dimensão hostilidade parental apresentou um *Alfa de Cronbach* de .57 (apenas com 4 itens<sup>5</sup>).

**Ajustamento psicológico dos adolescentes.** Foi utilizada a versão portuguesa do *Child Behavior Checklist Questionnaire (CBCL)* (Achenbach & Rescorla, 2001) - Inventário dos Comportamentos de Crianças e Adolescentes (Psiquilíbrios ©, 2013<sup>6</sup>), versão para pais. Este instrumento tem o propósito de avaliar o funcionamento adaptativo e mal adaptativo das crianças e jovens, entre os 6 e os 18 anos. Na sua versão

---

<sup>4</sup> Esta escala está ainda em estudo pelos seus autores. Atualmente existe já uma segunda versão em estudo, com alterações decorrentes das primeiras aplicações e análises psicométricas da 1ª versão. Contudo, aqui, foi seguida a 1ª versão, e apresentar-se-ão os dados psicométricos correspondentes. Dado que o instrumento está presentemente em estudo, não será apresentado em Anexo.

<sup>5</sup> Foram sucessivamente retirados 5 itens por indicação estatística por forma a subir o valor de Alfa.

<sup>6</sup> A editora não faculta os dados psicométricos para a população portuguesa.

original, o instrumento é constituído por diversas escalas, mas as usadas no presente estudo são as escalas de Ansiedade-Depressão e Isolamento-Depressão relativas dimensão comportamentos de internalização – e.g., “*Não há muitas coisas de que goste*” – e de Comportamento Agressivo relativa à dimensão comportamentos de externalização – “*Destrói as suas próprias coisas*”. As respostas são dadas numa escala de *Likert* de 3 pontos (0- *não é verdadeira*, 1- *de alguma forma ou algumas vezes verdadeira*, e 2- *muito verdadeira ou muitas vezes verdadeira*). No presente estudo, ambas as dimensões do instrumento apresentaram valores adequados de consistência interna: comportamentos de internalização apresenta um *Alfa de Cronbach* de .86; comportamentos de externalização apresenta um *Alfa de Cronbach* de .87.

### **Procedimentos de análise de dados**

Os dados recolhidos foram analisados através do *software* SPSS versão 22.0. Numa primeira fase, os dados recolhidos foram analisados segundo a metodologia descritiva usual (frequências, médias, medianas, desvios-padrão, variância, número máximo e número mínimo). Foi feita uma análise de correlações entre as variáveis e procedeu-se, em seguida, a análises de modelos de regressão linear múltipla.

### 3. Resultados

#### Estatística descritiva das variáveis em estudo

Na Tabela 2, são apresentados os resultados médios das variáveis pressão económica, afeto e hostilidade parental, hostilidade e afeto fraterno, e comportamentos de internalização e externalização, e respetivos desvios-padrão para os participantes.

Tabela 1

*Estatísticas descritivas das variáveis em estudo (N=49)*

Variáveis	Amplitude	Min.	Max.	<i>M</i>	<i>DP</i>
Pressão económica	1-5	1.29	5	3.28	1.01
Afeto parental	1-4	2.60	4	3.34	.36
Hostilidade parental	1-4	1	2.43	1.56	.33
Afeto fraterno	1-5	2.92	4.77	3.91	.53
Hostilidade fraterna	1-5	1.11	3.56	1.99	.56
Comportamentos de internalização	0-2	0	1.38	.37	.27
Comportamentos de externalização	0-2	0	1.35	.21	.24

Os resultados mostram que, em média, os participantes reportaram valores baixos de pressão económica. Os participantes reportaram também valores altos de afeto parental e baixos de hostilidade parental. A perceção parental média do afeto fraterno entre os seus filhos também foi alta. A hostilidade fraterna percecionada pelos pais apresentou, em média, valores baixos. Os participantes reportaram, em média, valores baixos para os comportamentos de internalização e externalização dos filhos.

#### Análise de correlações

Na Tabela 3, são apresentados os valores das correlações entre as variáveis em estudo. Relativamente à variável pressão económica, não foram encontradas as relações

esperadas. Esta variável não apresentou nenhuma correlação estatisticamente significativa com nenhuma das variáveis em estudo.

Tabela 2

*Correlações entre Vulnerabilidade económica, Práticas parentais, Qualidade da relação fraterna, e Ajustamento psicológico do adolescente*

Variáveis	1	2	3	4	5	6	7
<b>1.Pressão económica</b>	_____						
<b>Práticas parentais</b>							
2.Afeto parental	.065	_____					
3.Hostilidade parental	-.46	-.015	_____				
<b>Qualidade da relação fraterna</b>							
4.Afeto fraterno	.183	.333*	-.360*	_____			
5.Hostilidade fraterna	-.114	-.274	.237	-.485**	_____		
<b>Ajustamento do adolescente</b>							
6.Internalização	.055	-.045	.012	-.269	-.103	_____	
7.Externalização	-.016	-.181	.014	-.417**	.342*	.725**	_____

Nota. \*\*. A correlação é significativa no nível 0.001 ( $p < .01$ )

\*. A correlação é significativa no nível de 0.05 ( $p < .05$ )

O afeto parental correlaciona-se positivamente com o afeto fraterno, e a hostilidade parental correlaciona-se negativamente com o afeto fraterno. O afeto fraterno correlaciona-se negativamente com a hostilidade fraterna e com a externalização. A hostilidade fraterna, por sua vez, encontra-se correlacionada positivamente com a externalização. A internalização encontra-se apenas correlacionada positivamente com a externalização.

## Regressões Lineares Múltiplas

Foram realizadas três regressões lineares múltiplas de entrada forçada, em que todos os preditores foram forçados a entrar nos modelos sem ter sido feita qualquer decisão sobre a sua ordem. Estas regressões tiveram em conta o padrão de correlações encontrado e os objetivos do estudo.

Com o objetivo de analisar o papel preditor das práticas parentais (afeto e hostilidade) nas relações na fratria (afeto) foi realizada uma regressão linear múltipla, cujo sumário se encontra na Tabela 4. Não foi considerada a variável hostilidade fraterna pois não se correlacionou com nenhuma variável parental de afeto ou hostilidade. Foi estudado, numa primeira instância, a capacidade preditiva do afeto parental e da hostilidade parental em relação ao afeto fraterno (Tabela 4).

Tabela 3

*Sumário da Regressão Linear Múltipla dos preditores do Afeto fraterno*

Modelo 1	<i>B</i>	<i>t</i>	<i>p</i>
Afeto parental	.298	2.12	.04
Hostilidade parental	-.33	-2.33	.03

Nota:  $R^2=0.217$ ;  $F=5.55$ ,  $p=.007$

Verifica-se que a variância do afeto fraterno é explicada pelas práticas parentais (afeto e hostilidade parental) a 21.7%,  $R^2=0.217$ ;  $F=5.55$ ,  $p=.007$ , o que parece demonstrar a adequação do modelo 1. Para este modelo, o afeto parental,  $t(40)= 2.12$ ,  $p= .04$ , e a hostilidade parental,  $t(40)= -2.33$ ,  $p= .03$  são ambos preditores significativos do afeto fraterno. O afeto parental apresenta uma relação positiva com o afeto fraterno, enquanto que a hostilidade parental apresenta uma relação negativa com o afeto fraterno.

Por fim, com o objetivo de analisar o papel preditor das relações na fratria (afeto e hostilidade) no ajustamento psicológico dos filhos (comportamentos de externalização), foi realizada uma regressão linear múltipla dos preditores afeto e hostilidade fraterna nos comportamentos de externalização dos adolescentes (Tabela 5).

Tabela 4

*Sumário da Regressão Linear Múltipla dos preditores da Externalização*

Modelo 2	$\beta$	$t$	$p$
Afeto fraterno	-.33	-2.0	.05
Hostilidade fraterna	.18	1.12	.27

Nota:  $R^2=0.199$ ;  $F=4.85$ ,  $p=.01$

Não foram considerados os comportamentos de internalização dado que esta variável não se correlacionou com nenhuma das variáveis das relações fraternas (afeto e hostilidade). O modelo 2 explica 19.9% da variância na externalização,  $R^2=0.199$ ;  $F=4.85$ ,  $p=.01$ , embora apenas um dos preditores, o afeto fraterno,  $t(39)=-2.0$ ,  $p=.05$ , tenha significância estatística. O afeto fraterno apresenta uma relação negativa com os comportamentos de externalização.

#### 4. Discussão

O presente estudo pretendeu analisar a associação entre as práticas parentais e a qualidade da relação fraterna. Especificamente, as relações entre os níveis de afeto e hostilidade na relação pai-filho e os níveis de afeto e hostilidade na relação entre os irmãos, e as suas relações com comportamentos de externalização e internalização dos adolescentes. Pretendeu-se, também, estudar a relação entre a pressão económica percebida e as variáveis supra mencionadas.

Relativamente à primeira hipótese - *O afeto e hostilidade parentais estão negativamente associados* -, os resultados não são consistentes com o esperado. No presente estudo, o afeto e a hostilidade parentais não estão significativamente associados, embora exista uma tendência para uma associação fraca negativa. De acordo com Goraya e Shamama-tus-Sabah (2013), o afeto, o suporte parental, o envolvimento e a disciplina consistente são características de uma parentalidade positiva, associada negativamente a uma parentalidade negativa, caracterizada por hostilidade e punição física. Era, pois, esperado uma relação negativa entre estas duas variáveis parentais, que não foi, contudo, encontrada. Este resultado pode dever-se a problemas metodológicos como: a fragilidade do instrumento, visto ser um instrumento que ainda se encontra em fase de estudo; e/ou as características das amostra, nomeadamente, a sua dimensão, e o facto de apresentar baixos níveis de hostilidade parental e altos níveis de afeto parental. Esta última explicação pode prender-se com o facto de os questionários de autorrelato estarem sujeitos a uma maior desejabilidade social e, neste caso, pode ter existido uma tendência para os pais passarem uma imagem mais positiva sobre as suas práticas parentais.

Os resultados encontrados sugerem que, quanto maior é o afeto na fratria relatado pelos pais, menor é a hostilidade fraterna relatada, apoiando assim a segunda

hipótese do estudo - *O afeto e hostilidade na fratria estão negativamente associados*. Este resultado corrobora a literatura empírica, na medida em que relações na fratria negativas são pautadas por mais hostilidade e menos afeto, e relações positivas são pautadas por mais afeto e menos hostilidade (Meunier et al., 2011). Comparativamente à primeira hipótese, este padrão de resultados encontrados pode dever-se ao facto de este instrumento apresentar índices mais baixos de desejabilidade social, visto que é mais socialmente aceite e, até, por vezes, esperado, hostilidade entre irmãos do que hostilidade entre pais e filhos. Neste caso, os níveis de afeto e hostilidade na fratria apresentam menos diferença entre eles que os níveis de afeto e hostilidade parental, significando que, na presente amostra, a relação na fratria não apresenta uma clivagem tão acentuada entre afeto e hostilidade como a relação parental.

Foi encontrada uma associação positiva entre os comportamentos de internalização e de externalização. Estes resultados que vão de encontro ao esperado consoante os dados da literatura (Verhoeven, Junger, van Aken, Deković, & van Aken, 2010; Williams & Steinberg, 2011), apoiando assim a terceira hipótese proposta - *Os comportamentos de internalização e de externalização estão positivamente associados*.

Contrariamente ao esperado, a percepção de pressão económica não está relacionada nem com hostilidade parental, nem com os comportamentos de externalização e internalização dos filhos, como sugere a quarta hipótese - *A percepção de pressão económica, dado o impacto que tem a nível de stress familiar, está positivamente associada à hostilidade parental e aos comportamentos de externalização e internalização*. Na literatura, existe um *corpus* de investigação que associa a pressão económica a problemas comportamentais das crianças e adolescentes, devido ao seu efeito nas práticas parentais (McLoyd, 1998; Conger & Conger, 1992; Parke et al., 2004; Bøe et al., 2014). Essas associações não foram encontradas na



presente amostra, o que pode ser justificado de diversas maneiras. Por um lado, com razões metodológicas, dada a dimensão muito reduzida da amostra, e a sua homogeneidade, com a maior parte dos participantes pertencentes a uma classe média, o que pode significar menos perceção de pressão económica. Por outro lado, com os limites já apontados ao instrumento utilizado para avaliar a hostilidade parental. Uma outra razão, é a possibilidade de uma maior resiliência, por parte das famílias, aos efeitos da pressão económica na vida familiar. Devido às medidas de austeridade adotadas e à duração prolongada da crise em Portugal, é possível que as famílias tenham encontrado outras estratégias para lidar com essa pressão económica, preservando a qualidade da relação entre pais e filhos e as práticas parentais positivas.

A quinta hipótese - *O afeto parental está associado negativamente a comportamentos de externalização e internalização; a hostilidade parental está associada positivamente a comportamentos de externalização e internalização* - também não foi apoiada pelo padrão de resultados. Era esperado que, quanto mais alto o nível de afeto parental, menos comportamentos de externalização e internalização do filho, e, quanto mais alto os níveis de hostilidade dos pais, mais comportamentos de externalização e internalização do filho. Os resultados não vão ao encontro da literatura, que aponta para a influência das práticas parentais no ajustamento psicológico e social dos filhos (Darling & Steinberg, 1993; Muris, Meesters, & Berg, 2003; Vieno, Nation, Pastore, & Santinello, 2009). Seria, por exemplo, expectável uma associação negativa entre parentalidade positiva (afeto) e problemas de externalização, como encontrado por Goraya e Shamama-tus-Sabah (2013). Para além das limitações supracitadas relativas ao instrumento utilizado para avaliar o afeto-hostilidade parental, esta divergência de resultados relativamente à literatura pode ser explicada pela diferença de idades dos filhos-alvo. Especificamente, o estudo citado (Goraya e Shamama-tus-Sabah, 2013)

pretendeu estudar o ajustamento de crianças, dos 8 aos 11 anos, enquanto a presente investigação incidiu sobre o período da adolescência, dos 12 aos 19 anos. Neste período, a influência das práticas parentais no ajustamento dos adolescentes pode não ser tão acentuada como na infância, ou, até, o ajustamento atual dos adolescentes pode refletir mais as práticas parentais vividas em períodos etários anteriores do que as práticas presentes. Bradley e Corwyn (2013), no seu estudo longitudinal, encontram relações diretas entre práticas parentais e comportamentos de externalização nas crianças mas, na adolescência, os resultados mostram que essa relação é indireta e mediada pelo autocontrolo. Outras explicações podem prender-se, mais uma vez, com questões metodológicas, como o facto de a amostra não apresentar níveis de externalização e internalização muito altos, tornando-se difícil discriminar esses níveis e, conseqüentemente, associá-los às práticas parentais. Uma outra possível explicação é o facto de a amostra ser constituída, na sua maioria, por famílias da classe média. Ponnet (2014) reporta que, em famílias com mais stressores, nomeadamente famílias de classe baixa com muitos stressores económicos, as práticas parentais positivas estão mais fortemente relacionadas com menos problemas comportamentais, comparativamente a famílias de classe média e alta. Isto é, em famílias de classe média e alta, as práticas parentais apresentam relações mais fracas com o ajustamento dos filhos (Ponnet, 2014). Neste caso, como a generalidade das famílias que constituem a amostra pertencem à classe média e a grande parte dos pais está empregado, pode dar-se o caso de estas famílias terem menos stressores, o que pode levar a que os efeitos das práticas parentais (de afeto e hostilidade) não tenham um impacto tão forte e uma relação direta com o ajustamento do adolescente (externalização e internalização) na amostra.

Relativamente à sexta hipótese - *O afeto parental é preditor positivo de afeto na fratria e negativo de hostilidade na fratria; a hostilidade parental é preditor positivo de hostilidade na fratria e negativo de afeto na fratria* -, o padrão de resultados não correspondeu totalmente ao esperado. O padrão de resultados relativo ao afeto na fratria vai de encontro à hipótese: o aumento do afeto parental está relacionado com o aumento do afeto na fratria, e o aumento da hostilidade parental está relacionado com a diminuição do afeto na fratria. Mas o mesmo não acontece para a hostilidade na fratria, em que o afeto e a hostilidade parental não se revelam preditores da hostilidade entre os irmãos. Alguns estudos indicam que o subsistema parental parece ter um impacto positivo na qualidade das relações da fratria, em que há, pela parte dos pais, o fornecimento de modelos de socialização positivos aos filhos (Perlman & Ross 1997; Stormshak, Bullock & Falkenstein, 2009; Jenkins, Rasbash, Leckie, Gass, & Dunn, 2012). Uma relação parental pautada por níveis altos de afeto e baixos de hostilidade pode significar a passagem de modelos de socialização positivos aos filhos durante a infância, o que pode levar a que os filhos mantenham relações mais positivas dentro e fora da família, explicando a associação entre afeto parental e afeto fraterno. Como a natureza do presente estudo é transversal, não podem ser retiradas conclusões a este nível, apenas podem ser levantadas hipóteses e possíveis explicações para o padrão de resultados encontrado. Ainda sobre este padrão de resultados, surge um outro ponto interessante, a hostilidade parental, comparativamente com o afeto parental, é um melhor preditor do afeto na fratria. Uma hipótese é que uma parentalidade negativa pode ter um impacto mais forte e significativo no clima familiar geral em comparação a uma parentalidade positiva, “contagando” a relação fraterna, devido a esse clima familiar mais negativo.

Como referimos, o afeto parental e a hostilidade parental são preditores do afeto na fratria, mas não são preditores da hostilidade na fratria. Este padrão encontrado pode prender-se com o período específico em estudo, a adolescência. Durante este período, a influência parental não é tão fulcral na qualidade das relações dos filhos, e os pares parecem ganhar um papel importante ao nível das relações de socialização (Bank, Burraston, & Snyder, 2004; Brody, 2004; Derkman, Engels, Kuntsche, Vorst, & Scholte, 2011; Dai & Heckman, 2013). Talvez os pais vejam a hostilidade na fratria como consequência de aprendizagens dos filhos fora da família, menos associadas aos comportamentos parentais (práticas parentais) e ao clima geral familiar, traduzindo-se no padrão de resultados encontrado.

A sétima hipótese - *O afeto na fratria é preditor negativo de comportamentos de externalização e de internalização; a hostilidade na fratria é preditor positivo de comportamentos de externalização e de internalização* - é parcialmente apoiada pelos resultados. Numa primeira instância, o afeto na fratria é preditor negativo de comportamentos de externalização, mas não de internalização. Como descrito na literatura, a fratria é um contexto do microssistema familiar fundamental ao ajustamento das crianças e adolescentes, tendo um grande poder preditivo sobre esse ajustamento (Bank, Burraston, & Snyder, 2004; Solmeyer, McHale, & Crouter, 2014). Na literatura, foram encontradas relações diretas entre o afeto fraterno e menos sintomas de disfunção psicológica e maior bem-estar nas crianças e adolescentes (Stormshak, Bullock, & Falkenstein, 2009; Hindman, Riggs & Hook, 2013). Por sua vez, a hostilidade na fratria está associada positivamente a comportamentos de externalização mas no modelo 2 (ver Secção Resultados), com o preditor afeto fraterno presente, a hostilidade na fratria mostra-se um mau preditor desses comportamentos. Na revisão de literatura, encontrámos diversas investigações que apontam para uma associação entre relações

fraternas negativas (mais conflito e menos afeto) e problemas de comportamento (Bank, Burraston, & Snyder, 2004; Brody, 2004; Meunier et al., 2011; Dai & Heckman, 2013). Embora na presente investigação, se tenha verificado uma relação entre a hostilidade fraterna e os comportamentos de externalização, o afeto na fratria parece ser mais relevante para explicar os resultados da externalização.

Transversalmente a estes resultados, os comportamentos de internalização não se relacionam com nenhum aspeto da relação fraterna, nem mesmo com aspetos da relação parental. Relativamente a este padrão, é-nos difícil encontrar uma explicação, contudo, talvez o afeto e a hostilidade não sejam as variantes das relações que mais se relacionam com comportamentos de internalização. Há alguns estudos que apontam para que o controlo e o nível de exigência parental sejam variáveis mais determinantes no surgimento de problemas de internalização do adolescente (Taylor, Lopez, Budescu & McGill, 2012). A depressão parental e problemas conjugais também levam a uma maior probabilidade de os filhos terem problemas comportamentais de internalização (Leve, Kim, & Pears, 2005).

## 5. Conclusão

O presente estudo, de carácter exploratório e de natureza quantitativa, pretendeu estudar, através da percepção de mães e pais com filhos adolescentes, as relações entre afetividade e hostilidade parental, afeto e hostilidade fraterna, ajustamento psicológico dos filhos e a percepção de pressão económica. As conclusões retiradas devem ser analisadas com cautela e tendo sempre em conta o carácter exploratório e preliminar do estudo.

Um dos padrões de resultados mais interessante é a relação entre práticas parentais e afeto na fratria, e a relação negativa desse afeto na fratria com problemas de externalização, não se tendo encontrado relação direta entre práticas parentais e externalização, apenas uma relação indireta através do afeto na fratria.

### Limitações e Implicações Futuras

A presente investigação contribui para o estudo das interinfluências dos diferentes subsistemas familiares, o parental e o fraterno em particular, no ajustamento dos adolescentes, mas é importante referir algumas das suas limitações.

As limitações prendem-se com o nível metodológico. Foram usados instrumentos que ainda estão em estudo, apresentando níveis de *Alfa de Cronbach* pouco elevados. O tamanho reduzido da amostra também constitui uma limitação à análise estatística, bem como a sua homogeneidade: maioritariamente mães pertencentes à classe média. O facto de se ter considerado apenas as respostas parentais pode ser apontada como uma limitação. A desejabilidade social poderá ter tido impacto nos resultados mas tal poderá ser colmatado através do uso de mais informantes, concretamente, a opinião do filho sobre as práticas parentais poderia ser relevante.

O uso de subamostras relativas ao nível socioeconómico pode tornar possível uma análise mais fiel das influências da pressão económica no seio familiar. Também poderia ser interessante utilizar subamostras de populações clínicas de jovens com problemas de ajustamento psicológico e social, de modo a perceber os diferentes caminhos das influências dos pais para os filhos, e dos irmãos, dependendo do tipo de problemas. Parece relevante alargar os conhecimentos sobre o papel da fratria na adolescência comparativamente a esse papel durante a infância, e perceber as mudanças do nível de influência parental ao longo desse crescimento. Por último, parece importante incluir variáveis pessoais em futuros estudos sobre esta temática com adolescentes, visto que neste período elas parecem influenciar transversalmente todas as relações.

Para o futuro, na intervenção e prática clínica é fundamental incluir a fratria e perceber que impacto tem a relação fraterna no sistema familiar e nas dinâmicas familiares. O facto de estas relações constituírem um recurso fundamental no sistema familiar, torna-as fundamentais a ter em conta na prática clínica. A fratria pode muito bem ser o espelho mais fiel das mudanças sistémicas relacionais que ocorrem na família, e podem ser uma porta para a mudança terapêutica.

## 6. Referências bibliográficas

Achenbach, T. M., & Rescorla, L. A. (2001). *Manual for the ASEBA Preschool Forms & Profiles*. Burlington: VT: University of Vermont, Research Center for Children, Youth, and Families.

Bank, L., Burraston, B., & Snyder, J. (2004). Sibling Conflict and Ineffective Parenting as Predictors of Adolescent Boys' Antisocial Behavior and Peer Difficulties: Additive and Interactional Effects. *Journal Of Research On Adolescence*, 14(1), 99-125. doi:10.1111/j.1532-7795.2004.01401005.x.

Barnett, M. (2008). Economic Disadvantage in Complex Family Systems: Expansion of Family Stress Models. *Clinical Child & Family Psychology Review*, 11(3), 145-161. doi:10.1007/s10567-008-0034-z

Baumrind, D. (1966). Effects of authoritative parental control on child behavior. *Child Development*, 37, 887-907.

Benner, A. D., & Kim, S. Y. (2010). Understanding Chinese American adolescents' developmental outcomes: Insights from the family stress model. *Journal of Research on Adolescence*, 20(1), 1-12. doi:10.1111/j.1532-7795.2009.00629.x

Bøe, T., Sivertsen, B., Heiervang, E., Goodman, R., Lundervold, A. J., & Hysing, M. (2014). Socioeconomic status and child mental health: The role of parental emotional well-being and parenting practices. *Journal of Abnormal Child Psychology*, 42(5), 705-715. doi:10.1007/s10802-013-9818-9

Bradley, R. H., & Corwyn, R. (2013). From parent to child to parent: Paths in and out of problem behavior. *Journal of Abnormal Child Psychology*, 41(4), 515-529. doi:10.1007/s10802-012-9692-x



Brody, G. H. (2004). Siblings' Direct and Indirect Contributions to Child Development. *Current Directions in Psychological Science (Wiley-Blackwell)*, 13(3), 124-126.

Conger, R. D., & Ge, X. (1994). Economic Stress, Coercive Family Process, and Developmental Problems of Adolescents. *Child Development*, 65(2), 541-561. doi:10.1111/1467-8624.ep9405315143.

Conger, R., & Conger, K. (1992). A family process model of economic hardship and adjustment of early adolescent boys. *Child Development*, 63(3), 526. doi:10.1111/1467-8624.ep9207061028.

Conger, R.D., Rueter, M., & Elder Jr, G. (1999). Couple resilience to economic pressure. *Journal of Personality and Social Psychology*, 76(1), 54-71.

Dai, X., & Heckman, J. J. (2013). Older siblings' contributions to young child's cognitive skills. *Economic Modelling*, 35235-248. doi:10.1016/j.econmod.2013.07.003.

Darling, N., & Steinberg, L. (1993). Parenting style as context: An integrative model. *Psychological Bulletin*, 113(3), 487-496. doi:10.1037/0033-2909.113.3.487

Derkman, M., Engels, R. E., Kuntsche, E., Vorst, H., & Scholte, R. J. (2011). Bidirectional Associations Between Sibling Relationships and Parental Support During Adolescence. *Journal of Youth & Adolescence*, 40(4), 490-501. doi:10.1007/s10964-010-9576-8

Field, A. (2000). *Discovering statistics using SPSS for Windows*. Thousand Oaks, CA: Sage Publications Ltd.

Gamble, Wendy C., & Jeong Jin Yu. (2014). Young children's sibling relationship interactional types: Associations with family characteristics, parenting, and child characteristics. *Early Education and Development*, 25(2), 223-239. *PsycINFO*, EBSCOhost (accessed September 30, 2015).

Gass, K., Jenkins, J., & Dunn, J. (2007). Are sibling relationships protective? A longitudinal study. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 48(2), 167-175. doi:10.1111/j.1469-7610.2006.01699.x

Gutman, L. M., McLoyd, V. C., & Tokoyawa, T. (2005). Financial strain, neighborhood stress, parenting behaviors, and adolescent adjustment in urban African American families. *Journal of Research on Adolescence*, 15(4), 425-449. doi:10.1111/j.1532-7795.2005.00106.x

Hindman, J. M., Riggs, S. A., & Hook, J. (2013). Contributions of executive, parent-child, and sibling subsystems to children's psychological functioning. *Couple and Family Psychology: Research and Practice*, 2(4), 294-308. doi:10.1037/a0034419

Jenkins, J., Rasbash, J., Leckie, G., Gass, K., & Dunn, J. (2012). The Role of Maternal Factors in Sibling Relationship Quality: A Multilevel Study of Multiple Dyads per Family. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 53(6), 622-629.

Knoester, C., Haynie, D. L., & Stephens, C. M. (2006). Parenting Practices and Adolescents' Friendship Networks. *Journal of Marriage and Family*, 68(5), 1247-1260. doi:10.1111/j.1741-3737.2006.00326.x.

Kowal, A., Krull, J. L., Kramer, L., & Crick, N. R. (2002). Children's Perceptions of the Fairness of Parental Preferential Treatment and Their Socioemotional Well-Being. *Journal of Family Psychology*, 16(3), 297-306. doi:10.1037//0893-3200.16.3.297.

Kramer, L., & Baron, L. A. (1995). Parental perceptions of children's sibling relationships. *Family Relations*, 95-103.

Leve, L. D., Kim, H. K., & Pears, K. C. (2005). Childhood Temperament and Family Environment as Predictors of Internalizing and Externalizing Trajectories from Ages 5 to 17. *Journal Of Abnormal Child Psychology*, 33(5), 505.

Macaulay, A. P., Griffin, K. W., Gronewold, E., Williams, C., & Botvin, G. J. (2005). Parenting Practices and Adolescent Drug-Related Knowledge, Attitudes, Norms and Behavior. *Journal of Alcohol and Drug Education*, 49(2), 67-83.

McLoyd, V. C. (1998). Socioeconomic disadvantage and child development. *American Psychologist*, 53(2), 185-204. doi:10.1037/0003-066X.53.2.185.

Meunier, J. C., Roskam, I., Stievenart, M., van de Moortele, G., Browne, D. T., & Kumar, A. (2011). Externalizing behavior trajectories: The role of parenting, sibling relationships and child personality. *Journal of Applied Developmental Psychology*, 32(1), 20-33. doi:10.1016/j.appdev.2010.09.006

Muris, P., Meesters, C., & van den Berg, S. (2003). Internalizing and Externalizing Problems as Correlates of Self-Reported Attachment Style and Perceived Parental Rearing in Normal Adolescents. *Journal of Child and Family Studies*, 12(2), 171-183. doi:10.1023/A:1022858715598.

Newland, R. P., Crnic, K. A., Cox, M. J., & Mills-Koonce, W. R. (2013). The family model stress and maternal psychological symptoms: Mediated pathways from economic hardship to parenting. *Journal of Family Psychology*, 27(1), 96-105. doi:10.1037/a0031112

Parke, R. D., Coltrane, S., Duffy, S., Buriel, R., Dennis, J., Powers, J., & ... Widaman, K. F. (2004). Economic Stress, Parenting, and Child Adjustment in Mexican American and European American Families. *Child Development*, 75(6), 1632-1656. doi:10.1111/j.1467-8624.2004.00807.x.

Perlman, M., & Ross, H. S. (1997). The benefits of parent intervention in children's disputes: An examination of concurrent changes in children's fighting styles. *Child Development*, 68(4), 690-700.

Ponnet, K. (2014). Financial stress, parent functioning and adolescent problem behavior: An actor–partner interdependence approach to family stress processes in low-, middle-, and high-income families. *Journal of Youth And Adolescence*, 43(10), 1752-1769. doi:10.1007/s10964-014-0159-y

Scholte, R. J., Engels, R. E., de Kemp, R. T., Harakeh, Z., & Overbeek, G. (2007). Differential parental treatment, sibling relationships and delinquency in adolescence. *Journal of Youth and Adolescence*, 36(5), 661-671. doi:10.1007/s10964-006-9155-1

Solmeyer, A. R., McHale, S. M., & Crouter, A. C. (2014). Longitudinal Associations Between Sibling Relationship Qualities and Risky Behavior Across Adolescence. *Developmental Psychology*, 50(2), 600-610. doi:10.1037/a0033207.

Stocker, C. M., & Youngblade, L. (1999). Marital conflict and parental hostility: Links with children's sibling and peer relationships. *Journal of Family Psychology*, 13(4), 598-609. doi:10.1037/0893-3200.13.4.598

Stormshak, E. b., Bullock, B. b., & Falkenstein, C. c. (2009). Harnessing the power of sibling relationships as a tool for optimizing social–emotional development. *New Directions for Child & Adolescent Development*, 2009(126), 61-77. doi:10.1002/CAD.257.

Taylor, R. r., Lopez, E., Budescu, M., & McGill, R. (2012). Parenting Practices and Adolescent Internalizing and Externalizing Problems: Moderating Effects of Socially Demanding Kin Relations. *Journal of Child & Family Studies*, 21(3), 474-485. doi:10.1007/s10826-011-9501-0.

Tucker, C. J., & Updegraff, K. (2009). The relative contributions of parents and siblings to child and adolescent development. *New Directions for Child & Adolescent Development*, 2009(126), 13-28. doi:10.1002/cd.254.

Tucker, C. J., Holt, M., & Wiesen-Martin, D. (2013). Inter-parental conflict and sibling warmth during adolescence: Associations with female depression in emerging adulthood. *Psychological Reports, 112*(1), 243-251. doi:10.2466/21.10.PR0.112.1.243-251

Verhoeven, M., Junger, M., van Aken, C., Deković, M., & van Aken, M. G. (2010). Parenting and children's externalizing behavior: Bidirectionality during toddlerhood. *Journal of Applied Developmental Psychology, 31*(1), 93-105. doi:10.1016/j.appdev.2009.09.002.

Vieno, A., Nation, M., Pastore, M., & Santinello, M. (2009). Parenting and antisocial behavior: A model of the relationship between adolescent self-disclosure, parental closeness, parental control, and adolescent antisocial behavior. *Developmental Psychology, 45*(6), 1509-1519. doi:10.1037/a0016929.

Williams, L. R., & Steinberg, L. (2011). Reciprocal relations between parenting and adjustment in a sample of juvenile offenders. *Child Development, 82*(2), 633-645. doi:10.1111/j.1467-8624.2010.01523.x

Williams, S. A. (2007). The Development of Interpersonal Aggression During Adolescence: The Importance of Parents, Siblings, and Family Economics. *Child Development, 78*(5), 1526-1542.

## Tabela

Tabela 5

*Características sociodemográficas da amostra*

	N=49 n (%)
Sexo	
Feminino	39 (81.3)
Masculino	9 (18.8)
Idade (M/SD)	45.76 (4.82)
Nível de Escolaridade	
Até 4º ano	--
5º a 6º ano	4 (8.2)
7º a 9º ano	8 (16.3)
10º a 12º ano	11 (22.4)
Licenciatura	21 (42.9)
Pós-Licenciatura	5 (10.2)
Situação laboral	
Desemprego	--
Reforma	1 (2.3)
Trabalhador Independente	3 (6.1)
Por contra de outrem	40 (90.9)
Estado civil	
Casado/União de facto	43 (87.8)
Recasado/Nova união de facto	--
Divorciado/Separado	4 (8.2)
Solteiro	--
Viúvo	2 (4.1)
Número de filhos	
2	40 (83.3)
3	6 (12.5)
4	2 (4.2)
Idade do filho-alvo (M/SD)	14.92/4.82
Posição na fratria do filho-alvo	
Filho mais velho	13 (30.2)
Filho do meio	2 (4.7)
Filho mais novo	26 (60.5)
Gémeos	2 (4.7)
Sexo da fratria	
Feminino	10 (27)
Masculino	8 (21.6)
Misto	19 (51.4)
Crença religiosa	

Não crente	12 (24.5)
Crente	37 (75.5)
Alteração do rendimento mensal	
Diminui	24 (51.1)
Manteve	23 (48.9)
Aumentou	--
Rendimento familiar anual líquido	
Até 4,898€	2 (4.9)
Entre 4,898€ e 7,410€	12 (29.3)
Entre 7,410€ e 18,375€	--
Entre 18,375€ e 42,259€	20 (48.8)
Entre 42,259€ e 61,244€	6 (14.6)
Entre 61, 244€ e 66,045€	--
Entre 66,045€ e 153,300€	1 (2.4)
Mais de 153,300€	--

---



---